

## **Estudante *Podcaster*: o *podcast* como ferramenta de combate à desinformação com práticas de educomunicação em sala de aula**

*Podcaster Student : Podcasts as a tool to combat misinformation with educommunication practices in the classroom*

*Podcaster Student: Podcasts as a tool to combat misinformation with educommunication practices in the classroom*

*Bárbara Vianna Rodrigues; Sheila Borges de Oliveira*

### **Resumo**

Neste artigo, apresentamos o recorte de uma pesquisa em andamento no mestrado da Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social (PósCom) da UFPE. Analisamos como a educomunicação (Soares, 2020) pode desenvolver a leitura crítica da notícia entre adolescentes para o combate à desinformação. A proposta é implementar o projeto “Somos todos repórteres?” em escolas de Caruaru, no Agreste de Pernambuco, por meio de intervenções práticas para a produção de podcast e materiais audiovisuais, tomando como base os formatos do jornalismo profissional e usando os aportes conceituais e metodológicos de Almeida (2024) na proposta da pesquisa-ação de intervenção da educomunicação na comunicação.

**>> Informações adicionais:** artigo submetido em: 30/06/2025 aceito em: 10/08/2025.

### **>> Como citar este texto:**

RODRIGUES, Bárbara Vianna; OLIVEIRA, Sheila Borges de. Estudante *Podcaster*: o *podcast* como ferramenta de combate à desinformação com práticas de educomunicação em sala de aula. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 02, p. 185-206, mai./ago. 2025.

### **Sobre a autoria**

Bárbara Vianna Rodrigues  
[barbara.vianna@ufpe.br](mailto:barbara.vianna@ufpe.br)  
<https://orcid.org/0009-0009-1058-6504>

Mestranda em Comunicação e Inovação Social no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista CNPq. É bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, com licenciatura em Letras/Inglês e MBA em Administração e Marketing.

Sheila Borges de Oliveira  
[sheila.boliveira@ufpe.br](mailto:sheila.boliveira@ufpe.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-2614-2344>

Doutora em Sociologia, mestra em Comunicação e especialista em História Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora do curso de Comunicação Social e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social da UFPE.

**Palavras-chave:** educomunicação; podcast; jornalismo; desinformação; educação midiática.

#### **Abstract**

In this article, we present an excerpt from an ongoing research project in the Master's degree in Communication and Social Innovation (PósCom) at UFPE. We analyze how educommunication (Soares, 2020) can develop critical reading of news among adolescents to combat misinformation. The proposal is to implement the project "Are we all reporters?" in schools in Caruaru, in the Agreste region of Pernambuco, through practical interventions for the production of podcasts and audiovisual materials, based on the formats of professional journalism and using the conceptual and methodological contributions of Almeida (2024) from the proposal for action research on intervention of educommunication in communication.

**Keywords:** educommunication; podcast; journalism; disinformation; media education.

#### **Resumen**

En este artículo, presentamos un extracto de un proyecto de investigación en curso en la Maestría en Comunicación e Innovación Social (PósCom) de la UFPE. Analizamos cómo la educomunicación (Soares, 2020) puede fomentar la lectura crítica de noticias entre los adolescentes para combatir la desinformación. La propuesta consiste en implementar el proyecto "¿Somos todos reporteros?" en escuelas de Caruaru, en la región Agreste de Pernambuco, mediante intervenciones prácticas para la producción de podcasts y materiales audiovisuales, basadas en los formatos del periodismo profesional y utilizando las contribuciones conceptuales y metodológicas de Almeida (2024) a partir de la propuesta de investigación-acción sobre la intervención de la educomunicación en la comunicación.

**Palabras clave:** educomunicación; podcast; periodismo; desinformación; educación en medios.

## **Introdução**

O desenvolvimento de competências específicas para leitura crítica das mídias tem se mostrado fundamental para o combate à desinformação, pois nunca foi tão fácil e acessível, como nos dias de hoje, produzir conteúdo para as

plataformas digitais. Todavia, o questionamento que se coloca é a respeito da origem e do grau de compreensão de quem consome o conteúdo, fomento direto para o fenômeno da desinformação. Desta forma, esta pesquisa se concentra na elaboração de novas práticas sociais para a leitura crítica das notícias para a educação midiática e o combate à desinformação.

No ambiente digital, conteúdos podem ser produzidos por qualquer indivíduo. O jornalista não detém mais o controle da informação que é veiculada, o que torna cada vez mais difícil a avaliação sobre a veracidade da notícia, assim como a distinção do que pode ser considerada notícia relevante ou não para a sociedade (Silva; Pena; Aguiar, 2022). Isso requer a elaboração de materiais para ampliar a compreensão daquele indivíduo que recebe a informação (Becker, 2024). Um exemplo típico é a dificuldade de distinguir a origem de um texto, já que qualquer pessoa, com as redes sociais, converteu-se em produtor de conteúdo.

Para Jenkins, Ford e Green (2014), a cultura participativa se configura em um ambiente midiático pontualmente modificado e em constante transformação no qual todos são participantes com diferentes graus de status e influência. O fenômeno vai além dos paradigmas tecnológicos e industriais, tendo como ponto central a postura do sujeito midiático e o inevitável fluxo de conteúdo pelas múltiplas plataformas. Nesse cenário, para Pires (2010), a transversalidade das mídias audiovisuais representa um desafio para a escola e a sociedade por conta do contexto histórico e dos processos de interpretação nos modos de ler, ver, pensar e aprender.

Diante desse quadro, fortalecido com a popularização da internet, os adolescentes têm amplo acesso e conhecimento avançado de ferramentas e dispositivos, mas isso não se reflete em uma capacidade de leitura crítica das informações. Nesse contexto, o jornalismo transmidiático e multitelas disputam espaço na grande rede de computadores com o crescimento de conteúdo audiovisual, feito por qualquer ator, e, conseqüentemente, com a disseminação da desinformação.

Para desenvolver uma educação midiática e combater a desinformação, a educomunicação apresenta-se como um caminho eficaz para contribuir com a formação dos jovens como leitores e produtores mais conscientes de conteúdo digital (Pires, 2010), que vai valorizar a checagem da fonte de informação. Quando falamos em educomunicação, Kaplún é considerado um precursor e um dos principais nomes do campo. O radialista e educador elaborou conceitos e práticas que articulam comunicação e educação de maneira profundamente dialógica, comunitária e transformadora (Soares, 2011).

A educação, para Kaplún (1999), não deve se restringir à transmissão de conteúdos, mas deve promover processos interativos nos quais o aprendiz se torne protagonista da própria formação. A comunicação educativa deve ser concebida como uma prática transformadora na qual emissores e receptores alternam papéis em um diálogo contínuo, rompendo com a lógica bancária da educação tradicional (Kaplún, 1999).

Numa perspectiva mais contemporânea, o conceito de educomunicação, para Soares (2011), pode ser definido como um campo que envolve a criação de ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e participativos para fortalecer o espaço educativo. De maneira complementar, a ideia central da educomunicação, na concepção de Almeida (2024, pág. 33), é “conscientizar as comunidades sobre o poder da articulação comunitária na sociedade”, além de habilitar cada pessoa sobre direitos básicos, como a liberdade de expressão a partir de uma visão sobre o papel da comunicação.

Do exposto até aqui, surgem os questionamentos que norteiam essa pesquisa: 1) Quais são as contribuições da educação midiática para a formação de uma geração de leitores críticos da notícia? e 2) E como ensinar a utilizar as ferramentas típicas do jornalismo profissional para a comunidade, capacitando-a a participar do processo de construção da notícia? Por isso, o foco desta pesquisa vai se concentrar em investigar a aplicação de ações de educomunicação no Agreste de Pernambuco, em específico, com adolescentes em escolas públicas por meio do uso de práticas jornalísticas em sala de aula.

Segundo dados do Censo Escolar/Inep<sup>1</sup>2024, divulgados pelo site do portal Qedu<sup>2</sup>, relacionados a Caruaru, o município polo do Agreste de Pernambuco tem 168 escolas públicas, sendo 144 escolas municipais, 23 escolas estaduais e 1 federal. Ao todo, 47.359 estudantes estavam matriculados nas escolas da rede pública de Caruaru em 2024. Para o nosso estudo, selecionamos uma escola municipal e outra escola estadual para executar a etapa da análise prévia com o objetivo de realizar uma futura aplicação, no segundo ano do mestrado, da pesquisa-ação de intervenção de educomunicação.

Da rede de Caruaru, escolhemos a Escola Municipal Professora Laura Florêncio, que trabalha com alunos da Educação Básica até os anos finais do Ensino Fundamental. Ela possuía 1.425 alunos matriculados em 2024, segundo dados do site Qedu. Já a escola estadual selecionada é uma unidade de referência em ensino médio, a Erem Padre Zacarias Tavares, com 631 alunos matriculados em 2024. As duas instituições estão localizadas no bairro do Salgado, considerado o mais populoso da cidade com mais de 35 mil habitantes, segundo o censo mais recente disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022.

## Metodologia

Neste artigo, apresentamos o recorte de uma pesquisa que está em andamento no mestrado da Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social (PósCom) da UFPE, campus Caruaru, no Agreste de Pernambuco. Estamos em fase de planejamento de uma pesquisa-ação de intervenção em educomunicação com a base metodológica de Almeida (2024). O método proposto visa transformações e cita alguns dos objetivos deste tipo de aplicação

---

<sup>1</sup> Inep - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação

<sup>2</sup> Site Qedu é um portal de dados educacionais que reúne os principais indicadores da educação básica no Brasil - Disponível em: <https://qedu.org.br/municipio/2604106-caruaru/censo-escolar>

metodológica, como a ampliação da autonomia comunicativa dos envolvidos com uso crítico e criativo da mídia e o fortalecimento da cidadania (Almeida, 2024).

O projeto “Somos todos repórteres?” tem como base a ideia de colocar os estudantes no eixo central das atividades para que, assim, possam ser protagonistas das etapas de pré -produção, pauta, pesquisa e elaboração de textos, entrevistas e vídeos. Temos como referência as etapas metodológicas propostas por Almeida (2024): 1) Coletar e analisar dados sobre hábitos comunicacionais e uso da mídia nos grupos envolvidos, fazer um levantamento de que tipo de informação os alunos consomem e de que formato mais fazem uso frequente (diagnóstico); 2) Discutir coletivamente o que foi observado para definir prioridades de intervenção (feedback); 3) Desenvolver oficinas/articulações (como mídia-educação ou expressão artística); 4) Implementar as ações com incursões práticas (produção de conteúdos, uso de tecnologia, rodas de diálogo); 5) Elaborar questionário para os participantes da ação e reavaliar os resultados; e 6) Construir relatórios de cada etapa do processo da atividade prática de ação nas escolas e identificar as necessidades, fraquezas e dificuldades dos grupos participantes da ação e colocar dados nos relatórios da pesquisa.

Neste percurso metodológico, a estrutura geral da pesquisa está dividida em três fases, a partir das orientações de Minayo (2009): 1) Etapa de pesquisa, embasamento teórico, análise de documentos (que iremos falar mais abaixo) e planejamento das ações, incluindo tratativas com escola e autorizações; 2) Etapa de aplicação da pesquisa de campo com trabalho práticos presenciais com estudantes e levantamento de dados; e 3) Etapa de desenvolvimento dos relatórios e análise de resultados. Na etapa de aplicação da pesquisa de campo, a proposta é levar uma intervenção de educomunicação utilizando práticas de jornalismo com foco na produção de *podcast*, um arquivo de áudio disponível na internet, como explicaremos adiante.

A análise dos documentos está relacionada à análise que será realizada

nos documentos da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco a fim de identificar se, como e por quê a educomunicação é abordada nesses textos, bem como na análise dos relatórios e outros documentos produzidos pelos participantes da investigação. Trata-se de uma pesquisa participante (Gil, 2008), pois será proposta uma intervenção que utilizará da observação e de outros instrumentos, como questionários, relatórios das atividades práticas de educomunicação e *podcasts* produzidos pelos alunos na ação, a fim de constituir o *corpus* da pesquisa.

Quanto à natureza, é uma pesquisa aplicada (Gil, 2008), pois iremos a campo realizar uma intervenção de educomunicação em escola de ensino público em Caruaru. Quanto à abordagem, é uma pesquisa qualitativa, pois nos interessa investigar crenças, valores e possíveis mudanças cognitivas e comportamentais no desenvolvimento da leitura crítica da notícia, ou seja, lidamos com a subjetividade dos dados (Gil, 2008). Quanto aos objetivos, ela é exploratória, pois pretendemos conhecer melhor as possibilidades da aplicação da educomunicação, na formação do leitor da notícia, ou seja, iremos a campo a fim de “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias” (Gil, 2008, p.27).

### **Desinformação: o desafio da era digital**

A desinformação é um risco para a democracia, de acordo com o Relatório de Riscos Globais 2025<sup>3</sup>, publicado em janeiro de 2025 pelo WEF, o World Economic Forum (Fórum Econômico Mundial)<sup>4</sup>. Este é o segundo ano consecutivo em que a desinformação aparece no topo do levantamento de

---

<sup>3</sup> Relatório de Riscos Globais de 2025 elaborado por *World Economic Forum* (Fórum Econômico Mundial) - Texto de apresentação do relatório para imprensa - Relatório de Riscos Globais de 2025: Conflito, meio ambiente e desinformação são principais ameaças - disponível em <https://www.weforum.org/press/2025/01/global-risks-report-2025-conflict-environment-and-disinformation-top-threats/>

<sup>4</sup> World Economic Forum (WEF) - Fórum Econômico Mundial - é uma organização internacional cujo objetivo é facilitar a cooperação público-privada. Entre as ações, destaca-se o encontro anual em Davos na Suíça e o relatório anual que analisa os principais riscos globais que ameaçam a estabilidade econômica e os avanços sociais.

preocupações apontadas pelos principais líderes mundiais. Entre os 33 riscos identificados pela pesquisa, o item que abrange informações falsas e desinformações é indicado como os maiores riscos para a democracia a curto prazo. Essa projeção foi feita para os próximos dois anos, pois deve sofrer influência dos processos eleitorais que devem ocorrer nos próximos anos em várias economias importantes do mundo.

As constatações do relatório também se referem à polarização social e aos riscos interligados de informações falsas e desinformações impulsionados pela inteligência artificial (IA). Em relação às preocupações de longo prazo, o levantamento aponta eventos climáticos extremos e mudança crítica nos sistemas da Terra. O documento mostra ainda um outro alerta com base em duas décadas de dados originais de percepção de riscos e traz projeções para um cenário de riscos globais no qual o progresso no desenvolvimento humano está deixando Estados e indivíduos vulneráveis.

O fenômeno da desinformação afeta diretamente a democracia, o jornalismo e os direitos humanos no Brasil e no mundo (Becker, 2024). No período da pandemia global de Covid-19<sup>5</sup>, o coronavírus SARS-CoV-2, entre 2020 e 2023, o que se viu foi uma fase de constantes ruídos nas comunicações oficiais, provocando um descompasso entre os dados divulgados pelo Ministério da Saúde e pelos governos estaduais e municipais. Para Becker (2024), tal ação pode ter contribuído para o avanço de informações falsas nas redes sociais, gerando um impacto na comunicação entre as gestões públicas e a população.

Para exemplificar esse fenômeno, passou a circular, em 2020, nas redes sociais um texto com orientações para prevenir o contágio pelo novo coronavírus, no qual se afirmava que o chá de erva-doce possuía as mesmas propriedades de medicamentos para o tratamento de diversos tipos de gripe. A informação estava

---

<sup>5</sup>Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a COVID-19 como uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, o órgão anunciou que estava caracterizada como uma pandemia. Em 5 de maio de 2023 a OMS declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à COVID-19.



sendo compartilhada por usuários da rede social Facebook. Um projeto de verificação de notícias, o site da agência Lupa, fez a checagem e verificação das informações contidas na postagem<sup>6</sup>. Os checadores, uma equipe formada por jornalistas profissionais, comprovaram que o chá de erva-doce não possui ações eficazes para substituir medicamentos no tratamento de nenhuma doença.

O caso do chá de erva-doce é apenas um exemplo, entre tantos, que pode ser conferido nas principais agências de verificação de fatos como Lupa<sup>7</sup>, Aos Fatos<sup>8</sup> e Fato ou Fake<sup>9</sup>, do portal de notícias G1. No caso da publicação a respeito do chá, segundo a checagem feita pela agência Lupa, uma das postagens publicada na rede social Facebook já tinha sido compartilhada por mais de cinco mil pessoas até às 20h do dia 31 de janeiro de 2020.

Dessa forma, o jornalismo profissional e comprometido com questões éticas e democráticas vem há décadas sofrendo com a desvalorização e a violência seguida de descredibilização dos seus profissionais, tornando desafiador exercer o jornalismo profissional no Brasil e no mundo. Segundo o Relatório Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil de 2022<sup>10</sup>, publicação da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), desde a eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro em 2018, o jornalismo no Brasil enfrenta uma série de ataques e perseguições com aumento nos casos de violência contra a imprensa, além de linchamentos virtuais e ofensas nas redes sociais.

Já no contexto sócio político internacional, as eleições norte-americanas de 2016 foram um ponto crítico no que diz respeito à preocupação mundial com o fenômeno da desinformação (Chaves e Melo, 2019). O termo fake news, usado para designar informações falsas que assumem caráter de notícia,

<sup>6</sup> A postagem original das redes sociais e a verificação foi feita pela agência Lupa. Disponível em <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2020/02/01/verificamos-coronavirus-erva-doce/>

<sup>7</sup> Agência de verificação Lupa: <https://lupa.uol.com.br/>

<sup>8</sup> Agência de verificação Aos Fatos: <https://www.aosfatos.org/>

<sup>9</sup> Agência de verificação Fato ou Fake: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/>

<sup>10</sup> Relatório Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil de 2022, publicação Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ - Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2023/01/FENAJ-Relat%C3%B3rio-2022.pdf>

principalmente na internet, foi popularizado nesse período no contexto daquelas eleições. A vitória de Donald Trump em seu primeiro mandato (2017/2021) foi marcada por escândalos, boatos e suspeitas de notícias falsas (Klein, 2017).

No segundo mandato de Trump, iniciado em 2024, a situação não foi diferente durante a corrida eleitoral. Segundo reportagem especial do jornal O Globo, entre as informações falsas usadas em campanha estavam, por exemplo, a de que imigrantes em Ohio comiam animais domésticos e que escolas públicas encaminhavam crianças para cirurgias de troca de gênero<sup>11</sup>. A ressonância disso é que, para além do contexto das eleições americanas, a disseminação de fake news pode ter sido incorporada como estratégia política para atacar a imprensa tradicional de uma maneira geral.

Diante desse fenômeno social, no final de 2020, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) lançou as cartilhas: Desinfodemia: decifrar a desinformação sobre a COVID-19,<sup>12</sup> e Desinfodemia: dissecar as respostas da desinformação sobre a COVID-19,<sup>13</sup> para combater o que chegou a chamar de desinfomedia, unindo as palavras desinformação + pandemia. A Unesco sugeriu, assim, que estaríamos diante de um outro tipo de pandemia global, o da informação falsa. Para o combate à desinformação, foram desenvolvidas estas publicações com uma série de ações de caráter educativo, como material de apoio para o uso em sala de aula.

A preocupação da Unesco com esse fenômeno social não é de hoje. Desde 2011 é realizada anualmente a Semana Global de Alfabetização Midiática e de Informação com um país sede a cada ano. No documento: Alfabetização Midiática Informacional Currículo para Formação de Professores, publicado no Brasil em 2013, a Unesco fala a respeito de conceitos com as definições de

---

<sup>11</sup> Reportagem jornal O Globo de 13 de janeiro de 2025: “Estudos contra fake news, estimulados por fenômeno Trump há 10 anos, reavaliam táticas enquanto republicano volta ao poder” Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/noticia/2025/01/13/primeiro-mandato-de-trump-impulsionou-estudos-de-fake-news.ghtml>

<sup>12</sup> Cartilha disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por)

<sup>13</sup> Cartilha disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374417\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374417_por)

educação para as mídias e projetos que envolvem alunos, professores e pesquisadores da área de educomunicação por meio de atividades com foco na solução de conflitos nas escolas. Uma versão mais atualizada deste material foi lançada em 2022, junto com uma nova cartilha ambas em inglês<sup>14</sup>, ainda sem tradução em português. A segunda edição para professores tem o título *Media and information literate citizens: think critically, click wisely!*<sup>15</sup>.

No Brasil, em outubro de 2023, a Secretaria de Comunicação Social (Secom) lançou um documento que reúne um conjunto de iniciativas desenvolvidas pelo Governo Federal para a promoção da educação para as mídias. A cartilha EBEM, Estratégias Brasileira de Educação Midiática<sup>16</sup>, está alinhada com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), do Ministério da Educação que define as aprendizagens essenciais, competências e habilidades que os estudantes devem desenvolver para garantir um padrão de qualidade na educação. A cartilha EBEM apresenta referências relacionadas à educação midiática em pelo menos seis de suas competências gerais para a educação básica.

A cartilha foi lançada durante a primeira edição da Semana Brasileira de Educação Midiática, em 2023. O evento é uma realização da Secretaria de Comunicação Social (Secom) e Ministério da Educação (MEC) com cooperação da Unesco e apoio do Instituto Palavra Aberta, além de outras parcerias. Foi feito um trabalho prévio de mobilização, junto ao MEC, com escolas, organizações da sociedade civil, coletivos, centros acadêmicos, ativistas e educadores de todo o país para que essas instituições participassem do evento.

Na primeira edição da Semana Brasileira de Educação Midiática, realizada

---

<sup>14</sup> Global Standards for Media and Information Literacy Curricula Development Guidelines- Disponível em: [https://www.unesco.org/sites/default/files/medias/files/2022/02/Global%20Standards%20for%20Media%20and%20Information%20Literacy%20Curricula%20Development%20Guidelines\\_EN.pdf](https://www.unesco.org/sites/default/files/medias/files/2022/02/Global%20Standards%20for%20Media%20and%20Information%20Literacy%20Curricula%20Development%20Guidelines_EN.pdf)

<sup>15</sup> Tradução nossa: Cidadãos alfabetizados em mídia e informação: pense criticamente, clique com sabedoria!- Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377068>

<sup>16</sup> Informações divulgadas pela SECOM - Secretaria de Comunicação Social - Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/10/estrategia-brasileira-de-educacao-midiatica-apresenta-as-politicas-publicas-voltadas-para-a-populacao>

em 2023, foram registradas 403 iniciativas que ocorreram, simultaneamente, em 21 estados do país, com 54 mil pessoas mobilizadas, segundo informações disponibilizadas pela Secom<sup>17</sup>. A Semana Brasileira foi realizada simultaneamente ao evento global da Unesco sobre Alfabetização Midiática e Informacional, o *Media and Information Literacy Week - MIL Week 2023*, fortalecendo, assim, a conexão do Brasil com o debate internacional sobre o tema.

Em outubro de 2024, a segunda edição do evento contou com a presença de especialistas, educadores e ativistas. Entre os temas abordados estavam a integridade da informação, o jornalismo, as mudanças climáticas e os direitos no ambiente digital. Ainda segundo informações do site da Secom<sup>18</sup>, o evento também tem a intenção de valorizar as características de cada região do país e é uma oportunidade para promover a troca de saberes e experiências entre educadores, estudantes, ativistas e cidadãos de todo o país.

A segunda edição da Semana Brasileira de Educação Midiática, em 2024, também apresentou uma novidade, que foi o lançamento de um site dentro da plataforma gov.br<sup>19</sup>, que conta com um repositório de propostas e atividades de apoio, podendo ser aplicadas em sala de aula. Os planos de aula foram desenvolvidos por parceiros da Secom e do Ministério da Educação e estão disponíveis gratuitamente. Os materiais estão divididos em três seções: 1) jornalismo, 2) direitos de crianças e adolescentes no ambiente digital e 3) meio ambiente e mudanças do clima.

De acordo com informações da Secom, a cartilha EBEM, Estratégias Brasileira de Educação Midiática, está prevista para ter uma nova edição em 2025 com uma reformulação a ser apresentada no contexto e diagnóstico da

---

<sup>17</sup> Informações divulgadas pela SECOM - Secretaria de Comunicação Social - Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/10/estrategia-brasileira-de-educacao-midiatica-apresenta-as-politicas-publicas-voltadas-para-a-populacao>

<sup>18</sup> Informações disponíveis em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/10/lancada-nesta-terca-8-a-2a-semana-brasileira-de-educacao-midiatica>

<sup>19</sup> Gov.br: Portal que reúne serviços e informações sobre o Governo Federal

educação midiática no país, contando com a participação da sociedade. Nesse sentido, o que pesquisadores do campo da comunicação têm apontado é que a habilidade de leitura crítica tem se tornado cada dia mais essencial. Se quem consome também tem a chance de produzir, tornando-se, assim, emissor sem grandes dificuldades, a checagem ou curadoria dessas informações fica cada vez mais distante dos critérios adotados por redações e jornalistas profissionais (Becker, 2024).

Nesse contexto, a educomunicação apresenta-se como um caminho eficaz para formar jovens como leitores críticos e produtores conscientes de conteúdo digital (Pires, 2010). Por isso, o foco desta pesquisa vai se concentrar em investigar a aplicação de ações de educomunicação, como agente de inovação social, no Agreste de Pernambuco, em específico, com adolescentes em período escolar com uso de práticas jornalísticas.

### ***Podcast: as mídias sonoras nas plataformas digitais***

Ao procurar no dicionário Michaelis versão on-line, é possível ver que o termo *podcast* já foi incorporado ao dicionário português. Embora seja identificada como uma palavra de origem da língua inglesa, seu significado é definido como um conjunto de arquivos publicados por mídia digital que ficam armazenados em um servidor na internet e que, também, podem ser baixados ou transferidos para aparelhos de informática portáteis. Na definição do dicionário ainda há o complemento de que este conjunto de arquivos pode ser composto por notícias, músicas e até mesmo vídeos.

Para Lenharo e Cristóvão (2016), o termo *podcast* foi criado como resultado da junção das abreviações das siglas *pod+ cast*. A abreviação *pod* viria de *Ipod*, nome de um dispositivo de áudio da marca estadunidense Apple, aparelho eletrônico usado para reproduzir mídias de áudio digitais. E a junção com *cast*, uma abreviação da palavra inglesa *broadcasting*, traduzida como transmissão, difusão, radiodifusão ou veiculação.

Na prática, o *podcast* é um arquivo de áudio disponível na internet. A

principal diferença entre o *podcast* e o rádio convencional é que no *podcast* conteúdo fica disponível em serviços de *streaming* no sistema *on demand*, ou seja, estar armazenado em servidores na internet e pode ser escutado de acordo com a demanda, sem depender de horário fixo na transmissão de uma programação de uma emissora de rádio.

Para Bufarah (2020), o *podcast* é uma modalidade que vai além do rádio tradicional e segue para a linha de rádio expandido (Kichinhevsky, 2016), com uma comunicação que pode atingir um público maior e que vai além das ondas *hertzianas*, uma vez que ele transborda o alcance do rádio tradicional porque pode ser captado em celulares e outros dispositivos móveis por meio da internet.

Kischinhevsky (2016) define o rádio expandido a partir de cinco características: memória, personalização, multimidialidade, hipertextualidade e arquitetura de interação. A memória é a capacidade de se resgatar conteúdos antigos. A personalização possibilita ao ouvinte criar perfis próprios e listas de reprodução. Já a multimidialidade combina diversos formatos como texto, áudio, vídeo e imagem. Enquanto isso, a hipertextualidade conecta o conteúdo a outros textos, links e aplicativos. A arquitetura de interação permite ao público compartilhar, curtir e comentar em tempo real, tornando a experiência radiofônica mais dinâmica e participativa.

Segundo Freire (2017), o primeiro *podcast* teria sido produzido em 2004 por Adam Curry, radialista que naquele período era apresentador do canal de televisão MTV nos Estados Unidos. Quanto ao conteúdo e às funções, os *podcasts* podem ser usados para fins entretenimento, conteúdo jornalísticas, debate e divulgação de informações diversas e, também, para fins educativos (Lenharo e Cristóvão, 2016).

Com o crescimento e a oferta de recursos tecnológicos dos smartphones, aparelhos de telefone celular já compostos com microfones aplicativos de gravação, a produção de um *podcast* deixou de ser uma exclusividade de profissionais das áreas de rádio e TV. O formato mais comum é aquele no qual o conteúdo é organizado por meio de entrevistas com microfone aberto e por

episódios, disponibilizados em plataformas digitais de áudio.

E se quem produz conteúdo para rádio é chamado de radialista, como deve ser chamado aquele que produz conteúdo *podcast*? Medeiros (2006) fala a respeito dizendo que, se um usuário produz seu próprio programa, com conteúdo personalizado e escolhido por ele, este usuário passa a ser chamado de *podcaster*. Assim, como falamos acima sobre as possíveis origens da palavra *podcast*, esta seria uma tradução livre do inglês para português daquele que produz *podcast*. Podemos observar, inclusive, que o *podcaster* se tornou uma expressão muito usada pelas redes sociais.

Para estudar este cenário, Viana (2020) fez uma análise, a partir da observação dos 50 *podcasts* mais ouvidos em três plataformas digitais, e propôs uma forma de categorização em eixos estruturais: 1) Relato, geralmente crônicas que buscam promover uma reflexão em temáticas de nicho; 2) Debate, quando os participantes dialogam e interagem entre si com troca de ideias; 3) Narrativas da realidade, histórias reais com uso de personagens e enredo marcado por conflitos; 4) Entrevista, quando o apresentador faz perguntas para cada convidado; 5) Instrutivo, parece uma aula com instruções sobre o tema; 6) Narrativas Ficcionais, quando se conta uma história ficcional com personagens; 7) Noticiosos, que têm o objetivo de informar resumos de notícias jornalísticas podendo ser diário, semanal ou ainda em formato de análise detalhadas; e 8) Remediados, produtos derivados de outras mídias como Rádio ou TV e são inseridos como repositório.

Além dessas categorizações, o *podcast* tem um outro elemento importante, o de ser um produto híbrido e fluido, o que é, segundo Viana (2020), bem típico dos meios digitais e da cultura de convergência. Mas, independentemente disso, o que não muda é que o *podcast* mantém uma característica marcante: a de ter proximidade com o ouvinte (Viana 2020).

Na proposta de intervenção deste projeto de pesquisa, estamos colocando o estudante na posição de protagonista do *podcast*. Ele será um *podcaster* na produção de conteúdo. O formato que iremos trabalhar é o do



podcast noticioso (Viana 2020), uma vez que o objetivo é o de informar sobre fatos para combater a desinformação. Este processo da pesquisa será aplicado, conforme as etapas metodológicas de pesquisa-ação de intervenção de educomunicação, segundo Almeida (2024), como já explicamos na parte da metodologia.

### **Educomunicação no Brasil**

No Brasil, iniciativas de convergência entre educação e meios de comunicação começam por volta dos anos 1930, com a fundação da Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro e seguem nos anos 1960, com Paulo Freire, que destacava o caráter dialógico comunicacional da educação (Chaves e Melo, 2019). Nos anos 60, os pesquisadores e professores Mário Kaplún e Paulo Freire trabalhavam que a educação tinha que ser mais dialógica e esse conceito evoluiu para a necessidade da educomunicação. Entre o final dos anos 1980 e 90, surgiram no Brasil outros projetos que visavam o desenvolvimento da leitura crítica das notícias veiculadas pelos meios de comunicação de massa.

Na década de 90, a educomunicação dá um salto após a demanda gerada pela Prefeitura da Cidade de São Paulo por projetos que pudessem ajudar a reduzir a violência nas escolas. Na época, foram utilizados os recursos tecnológicos midiáticos que existiam, com ênfase para o uso de rádio. O projeto Educom Rádio (São Paulo, 2004) foi aplicado de 2001 a 2004 por um grupo de docentes e estudantes da Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Mais de 400 escolas participaram do projeto onde desenvolveram um programa educutivo com objetivo de somar à uma série de ações visando a redução da violência nas escolas do município.

Segundo a Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (Abpeducom)<sup>20</sup>, a educomunicação é entendida como um

---

<sup>20</sup> Abpeducom - Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação. Com o objetivo de reunir profissionais e pesquisadores da educomunicação, surgiu das conclusões dos trabalhos da reunião de especialistas na interface Comunicação/Educação ocorrida em Recife (PE), no dia 2 de setembro de 2011,



paradigma orientador de práticas sócio-educativo-comunicacionais. Para Soares (2020), é mais do que isso, é um paradigma iluminador, ou seja, tem uma ideia de ação de complemento para dar espaço para novas situações. Para Chaves e Melo (2019), existe uma urgência de se desenvolverem projetos específicos direcionados para a alfabetização midiática de notícias, devido ao crescimento exponencial da disseminação de desinformação pelas redes sociais na internet.

Almeida (2024) aborda os desafios de intervenções em educomunicação e cita exemplo de ações comumente usadas por professores em sala de aula, que julgam ser educação midiática, quando se trata de uso da pedagogia da comunicação. É o caso do professor de língua portuguesa que propõe a atividade de criar um jornal para explicar detalhes da disciplina. Embora use instrumentos de comunicação para o ensino da disciplina, não promove o senso de leitura crítica de notícias.

### **Uma proposta de intervenção prática: alunos produtores de conteúdo e *podcasters***

A proliferação de informações falsas provoca uma reação em cadeia com danos à saúde pública, às comunidades vulneráveis e ao meio ambiente, que desestabiliza democracias, coloca em risco os direitos humanos e traz prejuízos para a sociedade de uma maneira geral por impedir que notícias confiáveis e relevantes cheguem ao público. Citelli, Soares e Lopes (2019) defendem a necessidade de se promover, por meio de estratégias multidisciplinares, um diálogo da comunicação com a educação.

Em uma sociedade cada vez mais conectada, o aluno não deveria ser um receptor passivo. Ele precisa ter autonomia para decidir, opinar e dialogar. Além disso, ele deveria ser participativo e ter voz diante dos cenários que lhe são expostos. As novas gerações não encontram tantos limites para o conhecimento, nem fronteiras, em função da velocidade da banda para a conexão digital, mas a

educação básica, muitas vezes, não vai ao encontro dessa demanda geracional (Soares, 2020). Assim, na sociedade da informação, a educomunicação ganha novas frentes desafiadoras como a educação midiática.

Na era digital, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) coloca alguns pilares da educação midiática como parte do desenvolvimento do aluno. A BNCC propõe o uso das tecnologias digitais na sala de aula também como meio/espço/forma de autoria e de curadoria. A inclusão das competências ligadas à cultura digital na BNCC motivou a produção de materiais didáticos sobre o tema e estimulou iniciativas como a do Instituto Palavra Aberta, que lançou o programa Educamídia<sup>21</sup>, voltado à capacitação de professores, com apoio do *Google.org* e em parceria com diversas associações e organizações ligadas ao campo jornalístico (Chaves e Melo, 2019).

Para Lenharo e Cristóvão (2016), no campo de atuação jornalístico-midiático, a habilidade, que pertence ao eixo de produção de texto, ressalta a articulação entre duas atividades: produzir e compartilhar. Desta forma, o conceito de Educomunicação passa a ser central nessa relação entre mídia, notícia e formação do leitor crítico. Assim, do exposto até aqui, surgem os questionamentos que norteiam esta pesquisa: 1) Quais as contribuições da educação midiática para a formação de uma geração de leitores críticos da notícia?, e 2) Como levar ferramentas do jornalismo profissional para a comunidade, tornando-os participantes da construção da notícia?

Neste contexto, esta investigação se propõe a estudar a aplicação de ações de educomunicação com adolescentes em escolas públicas por meio do uso de práticas jornalísticas com audiovisual no Agreste de Pernambuco. A proposta é levar uma intervenção prática e implementar o projeto “Somos todos repórteres?” com um grupo de estudantes que será colocado na posição de produtor de conteúdo. Nela, a previsão é realizar as seguintes ações complementares: a) Dialogar com a comunidade escolar, professores e alunos

---

<sup>21</sup> Educamídia é um programa do Instituto Palavra Aberta com apoio do *Google.org* criado para capacitar professores e organizações de ensino, e engajar a sociedade no processo de educação midiática dos jovens.

da escola que vai receber a ação; b) Debater o tema da necessidade da educomunicação com estudantes de comunicação; e c) Desenvolver atividades práticas e educativas para ação.

De acordo com Almeida (2024), a pesquisa-ação segue uma linha que une reflexão e transformação social em um ciclo contínuo e dinâmico de intervenção. As principais etapas são: 1) Diagnóstico, que inclui identificar o problema ou desafio na prática educativa ou comunicativa; 2) Análise aprofundada, investigação crítica sobre as causas e implicações do problema e áreas de intervenção possíveis; 3) Feedback, compartilhar os resultados da análise com os participantes da pesquisa para que saibam as escolhas das áreas de intervenção; 4) Planejamento e ação, que é a etapa de implementação prática no contexto da sala de aula ou comunidade; e 5) Avaliação, refletir o que mudou, os possíveis impactos e aprendizados.

Almeida (2024) ressalta a importância de intervenções que sejam norteadas pela filosofia da educomunicação e explica este tipo de ação como um ato de educação social que impulsiona o desenvolvimento pessoal e coletivo. Já Soares (2011) reforça que, quando falamos deste tipo de intervenção, não se deve associá-lo ao sentido de interdição ou imposição, pelo contrário, ele trata da realização de atividades sociais que ainda não tinham sido implementadas naquele grupo ou comunidade.

Em nossa pesquisa, o objetivo é aplicar um projeto de intervenção de educomunicação em escolas de Caruaru, Agreste de Pernambuco. Para tal, estamos desenvolvendo o projeto “Somos todos repórteres?”. Nele, os estudantes de ensino básico de escolas públicas irão participar, como criadores de conteúdo jornalístico, várias etapas de elaboração e construção de materiais, usando práticas de empoderamento (Almeida 2024), tornando-os protagonistas dos processos de apuração e checagem de informações.

## Considerações Finais

No contexto de uma sociedade cada vez mais conectada, é preciso

superar a visão do estudante receptor passivo. Ele deve assumir um papel de autonomia para decidir, opinar e dialogar, apontamentos da filosofia freireana que se tornam urgentes com o cenário atual. As novas gerações se deparam com um ambiente digital praticamente ilimitado em termos de acesso ao conhecimento (Soares, 2020). Por isso, na sociedade da informação, a educomunicação ganha novas frentes com possibilidades de uma atuação eficaz e na luta contra a desinformação.

Dessa maneira, a educação tem a função primeira de desenvolver uma perspectiva mais ativa dos indivíduos, devendo partir do aprimoramento das capacidades de leitura e de interpretação de imagens e textos (Pires, 2010). As etapas de pesquisa-ação para práticas de educomunicação, propostas por Almeida (2024), constituem uma espécie de ciclo cíclico.

Para Almeida, este processo não é linear, vai estar em constante movimento e as descobertas de uma etapa podem exigir o retorno a outras etapas, o que também pode resultar em um ambiente colaborativo e reflexivo. Estamos fazendo um levantamento para conhecer, de forma aprofundada, o perfil das escolas, o histórico social e as atividades extracurriculares. Estamos iniciando um diálogo com a direção das escolas para darmos início a etapa de aplicação da pesquisa-ação que queremos implementar nesta pesquisa.

Por meio dessa estratégia de educomunicação com aplicação ações de intervenção com uso de práticas jornalísticas, queremos responder e analisar se é possível levar o estudante a compreender a função social dos jornais, a linguagem jornalística, as condições de trabalho nas redações e as etapas de produção de um jornal diário (Almeida, 2024). E, assim, estimular o desenvolvimento da leitura crítica das notícias como uma ferramenta de combate à desinformação.

Essa construção de ecossistemas participativos e críticos constitui um instrumento fundamental para a transformação social (Almeida, 2024). Nesse sentido, a elaboração e implementação de projetos que incentivem o protagonismo estudantil e desenvolvam competências críticas e comunicativas,

com foco no combate à desinformação, representam não apenas uma estratégia de educomunicação, mas uma resposta concreta às demandas da sociedade. Dessa forma, a proposta de pesquisa-ação em andamento nas escolas Professora Laura Florêncio e Padre Zacarias Tavares, em Caruaru, no Agreste de Pernambuco, reforça a educomunicação como caminho para formar cidadãos leitores críticos mais ativos e capazes de compreender criticamente a informação no cenário digital que vivemos.

## Referências

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação** Campina Grande: EDUEG, 2024.

BECKER, Beatriz. News Literacy: a potência do diálogo entre jornalismo e educação contra a desinformação. **Esferas**, n. 29, 21 abr. 2024. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14752> . Acesso em: 25 ago de 2025.

BUFARAH JÚNIOR, Álvaro. **Proposta de classificação de podcasts jornalísticos na internet brasileira**. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, evento virtual, 2020. Anais Intercom, 2020. p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2533-1.pdf> . Acesso em: 16 jun. 2025

CHAVES, Mônica. MELO, Luísa. Educação midiática para notícias: histórico e mapeamento de iniciativas para combater a desinformação por meio da educação. **Revista Mídia e Cotidiano**. Artigo Seção Temática. V. 13, n. 3, dez. de 2019.

CITELLI, Adilson Odair; SOARES, Ismar de Oliveira; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 2, p. 12–25, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v24i2p12-25. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330>.. Acesso em: 25 ago. 2025.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **PODCAST: BREVE HISTÓRIA DE UMA NOVA TECNOLOGIA EDUCACIONAL**. **Educação em Revista**, Marília, SP, v. 18, n. 2, p. 55–71, 2017. DOI: 10.36311/2236-5192.2017.v18n2.05.p55. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/7414>. Acesso em: 25 ago. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Ed. Atlas, 2008. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022: população residente, área territorial e densidade demográfica. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/caruaru/panorama> . Acesso em: 25 ago. 2025..

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão – Criando Valor e Significado por Meio da Mídia Propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

KAPLÚN, Mário. Processos educativos e canais de comunicação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, n. 14, p. 68–75, 1999. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i14p68-75. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36846>. Acesso em: 25 ago. 2025.

KLEIN, Naomi. **Não basta dizer não**: resistir a nova política de choque e conquistar o mundo do qual precisamos. Ed. Bertand Brasil, 2017.

LENHARO, Rayane Isadora; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. Podcast, participação social e desenvolvimento. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.32, n.01, 2016, p. 307-335.

Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v32n1/1982-6621-edur-32-01-00307.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025

MEDEIROS, Marcello Santos de. **Podcasting: Um antípoda radiofônico**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília, 2006. Anais Intercom, 2006.

Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0776-1.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2025

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio da Pesquisa Social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 9-30.

PIRES, Eloiza Gurgel. A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 1, p. 281–295, abr. 2010. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/ep/article/view/28231/30063> Acesso em: 25 ago. 2025

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

SILVA, Marcos Paulo; PENA, Felipe; AGUIAR, L. Pesquisas em jornalismo contra a desinformação: credibilidade para a defesa da democracia. In: PRATA, Nair et al. **Comunicação e ciência**: reflexões sobre a desinformação. Ebook. São Paulo: Intercom, 2022, p. 98-125. Disponível em:

<https://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/comunicacao-e-ciencia-reflexoes-sobre-a-desinformacao050922.pdf> Acesso em: 25 ago. 2025

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 3, dez./mar. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação e Educação no contexto da crise das instituições paradigmáticas: a emergência da educomunicação. In PRATA, Nair e PESSOA, Sônia Caldas (orgs). **Fluxos comunicacionais e crise da democracia**. Ebook. São Paulo, Intercom, 2020, pg. 44-63. ISBN: 978-65-990485-4-8. Disponível em

<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/fluxos30112020.pdf> . Acesso em 25 ago. 2025.